

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

The nature of space. Contributions to the research of peasant territories

La naturaleza del espacio. Contribuciones para la investigación de territorios campesinos

Walter Roberto Marschner

Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Dourados, MS, Brasil
E-mail: walmars@ufgd.edu.br
Orcid: 0000-0002-7912-0341

Resumo: O artigo faz uma revisão bibliográfica no âmbito da Sociologia do Espaço, de tradição anglo-saxônica, buscando formular princípios metodológicos para pesquisas de campo sobre a formação de territórios e sobre processos territoriais. Partindo da premissa que todo espaço é socialmente constituído, procura tirar consequências para a geografia agrária e geografia humana, entre outras áreas de conhecimento. Entre outras consequências, organiza-se um quadro para análise processual que destaque as diversas dimensões imbricadas na constituição do espaço.

Palavras-chave: Sociologia do Espaço, Território, Representações sociais

Abstract: The article makes a bibliographical review in the scope of the Sociology of Space, from the Anglo-Saxon tradition, seeking to formulate methodological principles for field research about the formation of territories and territorial processes. Starting from the premise that all space is socially constituted, it seeks to draw consequences for agrarian geography and human geography, among other areas of knowledge. Among other consequences, the article offers a analytical framework for a process- based analysis that highlights the various dimensions in the constitution of space.

Keywords: Spacesociology, Territory, Social representations

Resumen: El artículo hace una revisión bibliográfica en el ámbito de la Sociología del Espacio, de tradición anglo saxónica, buscando formular principios metodológicos para la investigación de campo sobre la formación de territorios y procesos territoriales. Partiendo de la premisa de que todo espacio se constituye socialmente, se busca extraer consecuencias para la geografía agraria y la geografía humana, entre otras áreas del conocimiento. Entre otras consecuencias, el artículo organiza un marco de análisis basada em processos que destaque las diversas dimensiones entrelazadas en la constitución del espacio.

Palabras Clave: Sociología del Espacio, Territorio, Representaciones sociales

Introdução

A produzir conhecimento a partir de um território ou de uma territorialidade específica é tarefa que vários programas de formação assumiram como um desdobramento das lutas por terra nas últimas décadas. Camponeses, quilombolas, indígenas, mas também populações de periferia urbana buscam cada vez mais produzir um conhecimento contextual capaz de articular a análise das questões estruturais, da sociedade moderna englobante e da globalização, tomando como base as lutas cotidianas de seus lugares e territórios.

Quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por exemplo, manifesta sua estratégia fundamental em “Ocupar, resistir, produzir”, apresenta sua compreensão do espaço ou território. É um lema que sintetiza relações sociais intimamente vinculadas a terra, entendida como espaço de produção e vida. Quando indígenas Guarani Kaiowa *retomam* territórios que lhes foram tomados com a expansão da fronteira agrícola, afirmam o caráter ancestral da terra em disputa, chamando-a de *Tekoha*, lugar vivencial. Temos aí representações sobre espaços singulares que refletem processos sociais na sua formação, muito dos quais ainda precisam ser reconhecidos.

Assim o Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), tem colecionado narrativas e representações de espaço, resultados de um diálogo profícuo com os povos do campo, das águas e das florestas. Os projetos de pesquisas assumidos pelo programa refletem a complexa problemática que os mestrandos trazem de seus diversos territórios. Problemática que demanda abordagens interdisciplinares e interculturais, articulando conhecimento científico, saberes tradicionais e etnográficos dentro de uma concepção multidimensional de espaço e território.

São pesquisas que carecem ainda de referências teórico- metodológicas mais heterogêneas, capazes de dar conta da diversidade das experiências territoriais, transcendendo o nível restrito apenas aos aspectos político e econômico, típico das pautas desenvolvimentistas contemporâneas.

Abordagens que primam pela dimensão cultural, simbólica, afetiva, memorial/ancestral dos territórios, entre outras subjetividades, se fazem necessárias para

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

entendermos as novas demandas dos povos do campo e de suas organizações sobre a conquista e o desenvolvimento de seus territórios.

Essas análises atendem às diversas demandas dos camponeses quanto ao acesso a recursos além da esfera econômica, como educação, lazer, infraestrutura, participação política, etc... Tal lista de demandas implica uma reestruturação do "rural" (SAUER, 2002) com vistas a medidas a serem tomadas pelo Estado e também por organizações de agricultores, particularmente no campo da educação com melhores perspectivas para as novas gerações.

As lutas pela terra não visam apenas o acesso ao solo e a obtenção das condições objetivas associadas, como o crédito e a tecnologia, mas também defendem a identidade dos camponeses em um mundo caracterizado pela expansão da industrialização e urbanização. É importante adotar essa perspectiva, pois a visão restrita ao econômico pensa um mundo que gradualmente se torna mais homogêneo, o que pode implicar na dissolução do rural.

O presente artigo, um extrato adaptado de tese de doutorado¹, se propõe a um diálogo entre teorias da geografia humana e da sociologia contemporâneas, em especial a sociologia do espaço², partindo de um nível elementar da questão territorial - a constituição social do espaço. Temos o intuito de apresentar pautas teórico-metodológicas que subsidiem pesquisas sobre a relação dos sujeitos e seus espaços e territórios. Ainda que a grande maioria dos autores citados representam o pensamento europeu sobre questões caras à geografia humana e agrária no Brasil³, entendemos que o diálogo é profícuo por tentar sistematizar aspectos da metodologia de pesquisa da questão agrária e do desenvolvimento territorial ainda pouco teorizados.

¹Marschner, W. Die Kaempfe um Muttererde (As lutas pela mãe terra) disponível em: <https://ediss.sub.uni-hamburg.de/bitstream/ediss/1084/1/dissertation.pdf>

²A sociologia do espaço (Raumsoziologie) se desenvolveu nos anos 2005 na Alemanha. No Brasil a geografia humana assumiu em suas pesquisas as pautas da sociologia do espaço.

³Abordagens decoloniais sobre espaço e território vide HAESBAERT Rogério. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na « América Latina, Buenos Aires: CLACSO, 2021 ou CARDIN, Eric Gustavo. A expansão do capital e as dinâmicas da fronteira. 2011. 183 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106261>.



Ressignificações como consequência da modernidade

Fenômenos espaciais contemporâneos, como a divisão entre cidade e campo, a resignificação do “espaço rural” em “campo”, a reivindicação e defesa de etno-territórios (*Tekohas* na língua Guarani), entre outros, são reflexos do avanço da modernidade e da globalização, condicionando cada vez mais o meio social. Por isso observamos a modernidade e a globalização especialmente no seu Impacto sobre a orientação dos indivíduos na sociedade moderna⁴. Nessa perspectiva, modernidade e globalização, como um conjunto de rupturas e transformações não só agem sobre o nível macroeconômico como nível geopolítico, mas também interferem na tessitura de nosso cotidiano e condicionam a nossa compreensão do tempo e do espaço.

A análise das mudanças das estruturas de tempo - espaço pertencem a análise da modernidade mesma, já que a modernidade - seja sua origem já no tempo das conquistas da América ou através do surgimento do Iluminismo - incide sobre a reestruturação das categorias de orientação. Com a ampliação dos horizontes através dos descobrimentos geográficos e através de novas descobertas, surgem novas visões de mundo.

Existem diversas interpretações da modernidade. A crescente formulação de concepções heterogêneas sobre a sociedade moderna e sobre a história é resultado da dinâmica da modernidade mesma. Algumas formulações partem do conceito da pós-modernidade (LYOTARD, DERRIDÁ, CANCLINI) da superação (ou desconstrução) como consequência da modernidade mesma. Esse é um movimento dialético. Conforme Foucault a modernidade não deve ser compreendida como um período da história, mas como uma atitude dos indivíduos. Essa atitude significa “... uma decisão consciente tomada por uma determinada pessoa, que é tanto uma forma de pensar e sentir como também uma forma de agir e conduzir, que ao mesmo tempo se caracteriza como uma forma de pertença, como se apresenta também como um desafio “(1984, p.39).

Nesse sentido a modernidade é um *Ethos*, que distingue esta sociedade das anteriores. Através da razão e da ciência esse Ethos pretende conceber toda a realidade e dominar a natureza. Isso corresponde, no nível dos indivíduos na sociedade ocidental, à

⁴ O advento da modernidade desde o iluminismo, representaram uma grande reestruturação das categorias de orientação, cujas conseqüências na sociedade ainda são objeto de análise

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

substituição da tradição através de um projeto de vida (o conceito Weberiano de *Lebensführung*), marcado pelo crescente emprego de tecnologia e burocracia.

Aqui, o termo "modernidade tardia" (GIDDENS, 1999) ou "modernidade radical" é usado, enfatizando com isso a intensificação dos conflitos inerentes à modernidade. Diante da argumentação anterior, trata-se aqui de compreender os processos de modernidade que cada vez mais instrumentalizam a vida cotidiana por meio da racionalidade e, assim, influenciam a base constitutiva espaço-temporal da sociedade.

Muitos autores apontam para o fato de que a modernidade exige um alto grau de reflexividade dos indivíduos em particular (SACK, 1992; GIDDENS, 1999, p.52ss; 1996, p.117; HABERMAS, 1992, p.49ss). Os indivíduos são obrigados a reagir reflexivamente ao desafio da modernidade, que está em constante e diversificada forma de transformação. A globalização como processo transfronteiriço relativiza não só conceitos em áreas como a ciência, a economia ou a política, mas também na vida cotidiana.

Globalização

O surgimento da globalização atendeu ao projeto de reestruturação da política e da economia mundial⁵ para alcançar novos patamares de acumulação de capital. Ainda que, para alguns autores, já era um fenômeno das conquistas ultramarinas europeias, a globalização se estrutura completamente na década de 1970 com a concentração do sistema capitalista mundial nos países do centro, reordenando as cadeias produtivas dos países em desenvolvimento de forma a subalternizá-los ainda mais.

Essas mudanças no nível macro se expressam no cotidiano. Uma reestruturação que leva as pessoas a interagir com novos estilos de vida, referências e padrões de orientação. Esta interação tem um impacto profundo na nossa atitude em relação à ação cotidiana, à

⁵A globalização significa então a difusão de um novo paradigma de desenvolvimento que muda radicalmente as condições de competição e a sua acumulação de capital que vigoravam até agora. Especialmente na área de produção, ocorre uma desterritorialização: as tecnologias "Just in Point" quebram estrategicamente as cadeias de produção entre os continentes. A sede das empresas é de menor importância. Esses processos de desterritorialização (BECK, 1998, p.19ss) eliminam os mercados locais e as condições de produção, já que não é mais necessário trabalhar juntos em um só lugar. Fatores como o excedente de matérias-primas e a mão-de-obra barata, por um lado, e a disponibilidade de know-how, estrutura logística e mão-de-obra qualificada em áreas estratégicas, por outro, decidem quem serão os perdedores ou vencedores dos mercados globais. Os meios de comunicação, em particular a informática, a crescente mecanização da produção e a utilização de novos materiais, como a biotecnologia, provocam perturbações nas condições de produção que, por sua vez, provocam enormes flutuações nos mercados de trabalho sectoriais (Ianni, 1995, p.14).

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

identidade, à percepção do espaço e do tempo. Já não se age com base em certezas que anteriormente nos proporcionavam a repetição de hábitos, de tradição, mas com base no cálculo entre a ação e suas consequências. A extensão desta previsibilidade da ação e das consequências da ação à vida quotidiana está aqui em jogo e torna-se uma exigência constante para os atores da sociedade moderna. A pessoa age na vida cotidiana sob a condição de ter que constantemente redefinir sua própria orientação (no sentido mais abrangente). Mesmo sua própria biografia se torna o tema do design reflexivo (CASTELLS, 2002, 13, GIDDENS, 1991).

A globalização é referida como uma técnica (GIDDENS, 1999, 100; SANTOS, 2002, p.24ss, 62ss; SIQUEIRA e OSÓRIO, 2003, 67) que afeta estruturas espaciais. Através da flexibilização dos processos de produção, da liberalização dos mercados e do capital e da comunicação global da informação, ocorrem profundas mudanças em nível global. As formas tradicionais de produção e administração são substituídas por uma política global que reorganiza os estados nacionais e seus territórios em favor da livre circulação de capitais e bens. As fronteiras entre estados, regiões, lugares são sempre constituídas de novo e através de uma nova lógica, uma vez que o capitalismo, como processo de produção, cria e abole o estado-nação, dependendo dos princípios de soberania necessários para a sua expansão (IANNI, 1995; JAMESON, 1997).

Como resultado, a globalização é um processo de expansão que se move além das fronteiras territoriais para o surgimento de uma sociedade global. Isto se refere a novas formas de interação entre sociedades, que por sua vez levam à concepção de novas formas de organização política (superando a soberania territorial). Wallerstein entende essas interações como uma tendência histórica com a qual as relações capitalistas em um sistema mundial econômico, isto é, uma rede de mercadorias em um nível global que conecta muitas pessoas em favor da maximização da acumulação de capital (WALLERSTEIN, 1995, p.78).

As correntes e os fluxos da globalização

A globalização é caracterizada pelo movimento e pela circulação. Em termos de sociologia espacial, a globalização baseia-se menos em unidades geopolíticas e cada vez mais sobre cadeias e fluxos. Giddens fala sobre o encolhimento do tempo e do espaço (1999). Marc Augé caracteriza essa ênfase no movimento em seu conceito de não-lugares (2001). Refere-se à proliferação de estruturas a favor da mobilidade rápida das pessoas, da

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

informação e do capital, como aeroportos, autoestradas, ciência da computação (AUGÉ, 2001). Estas estruturas formam o contraponto ao conceito clássico do lugar como uma categoria de sedentarismo, estabilidade, identidade. Na atualidade os lugares se conectam e permitem que tudo circule e flua constantemente. Arrolamos aqui alguns aspectos dos fluxos na globalização.

Em primeiro lugar, o consumo e a interdependência ocorrem em cadeias de produção entre atores espalhados pelo mundo, de modo que o consumo forma uma espécie de territorialidade transnacional: "A coisa mais íntima - como amamentar um bebê - e a mais distante, que a todos atinge - como um acidente de reator na Ucrânia, política energética - estão agora de repente diretamente ligadas." (BECK, 1999, 151).

Em segundo lugar, os fluxos de capital são outro fator-chave no processo de globalização. Harvey descreve isso como "hipermobilidade do capital" (1990). As relações entre os níveis local e global foram qualitativamente alteradas por esses processos de intercâmbio de corporações internacionais, agindo simultaneamente e em diferentes lugares ao mesmo tempo,

Em terceiro lugar, a globalização caracteriza-se por uma migração crescente. O que costumava ser um movimento discreto de trabalhadores sazonais, turistas ou peregrinos agora se torna uma característica das sociedades modernas. Para Canclini, a identidade de um grupo em constante movimento é constantemente redefinida, ou seja, traduzida para o novo contexto (2003, p.21). Desta forma, a identidade também se torna fluida - como uma identidade híbrida (ibid.), uma vez que compete com outros conteúdos que não pertençam ao lugar ou etnicidade para a sua constituição.

Em quarto lugar, a urbanização rápida e caótica é vista como uma tendência social, as cidades tornam-se espaços transnacionais, com centralização de recursos, enquanto as áreas rurais deixam de ser um ponto de referência (JAMESON, 1997, p.41).

Nas cidades, a sincronização do tempo ocorre de forma diferente do campo, já que a comercialização do tempo como tempo de trabalho é um fenômeno típico da cidade. As cidades representam uma condensação do espaço em um determinado lugar e exercem controle sobre outros espaços, menos condensados ou mesmo vazios. Elas são uma espécie de "ambiente produzido". Junto com a mercantilização do tempo, uma mercantilização do espaço se estabelece como um ambiente artificial, no qual as conexões espaço-temporais adquirem um caráter peculiar (SACK, 1992).



A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

Em quinto lugar, temos o fluxo crescente de imagens, símbolos e metáforas. Na vida cotidiana, a globalização pode ser sentida especialmente no impacto dos meios de comunicação. A transmissão de imagens, o conteúdo virtual e a introdução de novos estilos de vida determinam cada vez mais a nossa percepção do espaço⁶.

A dissolução das categorias de orientação pela globalização

O aumento das atividades e redes transfronteiriças é uma verdadeira reestruturação da nossa percepção do espaço e do tempo. Harvey (1989) expressa essa conexão com o conceito de compressão do tempo-espaço, apontando para a velocidade da troca e para as possibilidades onipresentes de conexão, o que leva a uma redução das distâncias temporal e espacial.

Jameson observa que a nossa experiência psíquica e a nossa linguagem são povoadas por representações nas quais prevalecem a lógica da velocidade, a ilusão do ilimitado e a onipresença caótica (1997, p.23ss). Através dos meios de comunicação social, das tecnologias de comunicação e através de novos comportamentos dos consumidores, estabelece-se uma cultura de simulação e representação, na qual se dissolvem categorias espaciais, como o interior e o exterior, a retaguarda e a frente, a profundidade e a superfície. Em vez disso, há a noção de um vasto espaço separado do tempo.

Tudo isso afeta profundamente a consciência dos indivíduos, introduzindo o sentimento de um mundo dividido (local e global). A globalização dissolve sobretudo as relações clássicas entre os três mundos: natureza, campo e cidade. Por conseguinte, é difícil distinguir estas paisagens em algumas regiões do mundo. O que encontramos é uma natureza completamente socializada, em que as fronteiras entre territórios são completamente dissolvidas e em que surge um continuum de paisagens (SIQUEIRA e OSÓRIO, 2003, 79).

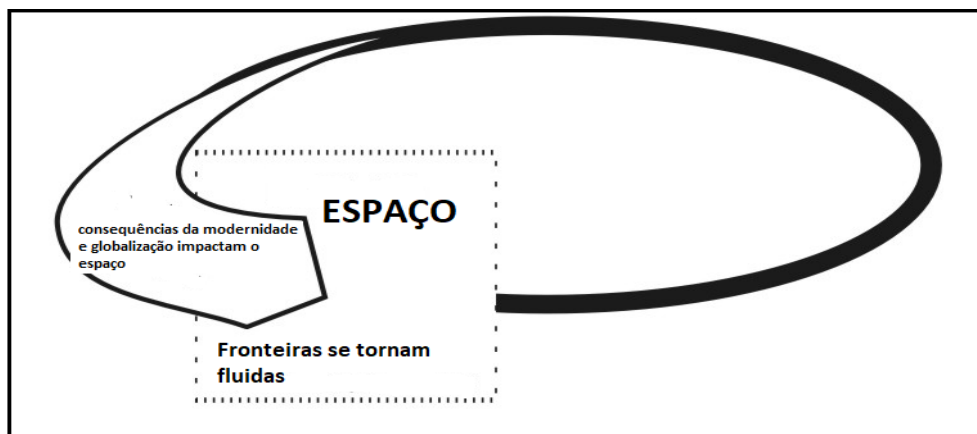
Em resumo, as explicações sobre globalização e modernidade mostram que os atores são obrigados a realizar uma reconstrução cotidiana de suas referências. Orientação e significado têm que ser formulados frequentemente. Isso requer um alto nível de reflexividade na vida cotidiana dos atores, especialmente para o espaço. Uma vez que o espaço é constantemente atravessado por fluxos de pessoas, informações, imagens, é

⁶ A intensa interação com contextos completamente diferentes dá uma sensação de simultaneidade caótica. A vida cotidiana acaba por ser um entrelaçamento de significados e conteúdos, em que as pessoas têm mais e mais a ver com conteúdo virtual.

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

também constantemente relativizado. O espaço - como muitos outros pontos de referência - já não existe como um dado, mas tem de tomar forma na vida quotidiana através da ação reflexiva.

Figura 1 – Relativização do espaço através dos fluxos de capital, informações, imagens, interações.



Fonte: elaboração do autor

Algumas redefinições: lugar, território e territorialização.

Para entender a relação entre espaço e ação, os conceitos geográficos de território e lugar são limitados. Isso porque a dissolução das categorias de orientação pela modernidade redefine constantemente estes termos.

A definição de território e lugar não é, naturalmente, apenas um assunto de geografia. Como aponta Bourdieu (2002, p.108), há um debate entre as disciplinas sobre a definição legítima de espaço. Existem definições econômicas, geográficas e sociológicas. De acordo com Bourdieu (ibid., p.109), as disciplinas se esforçam para designar o espaço cientificamente e enfatizar alguns de seus aspectos. Ao fazê-lo, traçam os seus limites de forma diferente, estabelecendo diferentes princípios de partilha, de classificação do mundo social. Com a globalização, prevalece uma visão bastante marcada pelo economicismo, baseada na ideia de um espaço determinável e homogêneo. No entanto, as reações a este movimento são fortes. A defesa da identidade (CASTELLS, 2002) ou a ênfase na diferença (HALL, 2003) são perceptíveis. Eles se expressam particularmente sob a forma de condições territoriais e locais.

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

Assim a noção de lugar assume quase que uma reação às ameaças diante dos fluxos globais. Espaços de intersubjetividades, os lugares muitas vezes são confundidos com comunidade ou mesmo, numa visão mais intimista, como lar. Ocorre que, pela carga subjetiva que tem, a noção de lugar se torna de difícil objetivação, esvaziado de conteúdo econômico ou político, requer sempre uma adjetivação.

O *território* (etimologicamente derivado de “terra”) geralmente aparece em apêndices topográficos como um "pedaço de terra apropriado" e só se espalha em uso geográfico no final da década de 1970 (LE BERRE, 1992). Uma ideia de território como homogêneo e imóvel é atualmente rejeitada na geografia. Assim, o território é derivado da ideia de "territorialidade", resultado de uma pertença de um grupo a um determinado espaço no qual ele pode se reproduzir (HAESBAERT, 1997, p.44).

Segundo Haesbaert (1997, p.40), a definição de território implica três aspectos importantes:

(a) Em termos jurídicos e políticos, o território é entendido como uma entidade política, como base para o exercício do poder e, por conseguinte, geograficamente delimitado;

(b) sob aspectos culturais, o conceito de território está relacionado com a construção da identidade, de modo que o território surge como um produto de apropriação simbólica, e

(c) Do ponto de vista econômico, deve-se ter em conta a dotação material do território como produto da atividade humana ou da atividade humana de transformação na natureza. As características do território incluem os recursos naturais e a infraestrutura que pode definir seu potencial produtivo.

De acordo com o geógrafo Claude Raffestin (1986, 183ss), o território pode ser compreendido a partir do contexto das relações humanas coletivas, ou seja, a definição de território depende da conexão de pessoas individuais ou grupos com um lugar. A partir dessas conexões a ideia de dentro e fora ou a ideia de identidade ou estranheza são derivados (Ibid.). Para Raffestin ocorrem sobre um território constantemente processos de inclusão ou pertença bem como processos de exclusão ou “exterioridades”, o que corresponderá a processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (ibid.). Esses processos territoriais são transformações ou manifestações da modernidade em relação a espaços que se expressam em novas condições sociais. Nos tempos modernos, a mudança

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

social ocorre cada vez mais através de uma dinâmica territorial: "Os territórios morrem e são trazidos à existência, (...) os territórios têm história".

Partindo da dinâmica de transformações territoriais teorizada por Raffestin, podemos trazer aqui o conceito de *territorialidade*. Robert Sack enfatiza (1986, 2ss) que a territorialidade sempre surge com a introdução de novas relações sociais. A associação original com as condições biológicas, como com os animais, tem pouca importância para o autor. A territorialidade fornece-nos a chave geográfica para compreender as complexas ligações entre o espaço e a sociedade. As necessidades de confiança, estratégias de poder, bem como as medidas administrativas são os motores históricos para a emergência de novos territórios.

Para Sack, a territorialidade é um termo que engloba uma ampla gama de atividades sociais, de modo que a territorialidade combina a teoria com a prática (1986, 31). Sack enfatiza que a validade de um procedimento na vida cotidiana, como proibir o acesso das crianças à cozinha para evitar pequenos acidentes, ou, por exemplo, uma estratégia de desenvolvimento para uma determinada região é sempre pensada territorialmente. As alterações territoriais introduzidas devem ser identificadas.

Em resumo, um território é o produto das interações das pessoas no espaço. Apropriando-se do espaço concretamente ou abstratamente - por exemplo através de representações - transforma-se o espaço em um território. Em última análise, representa um campo de forças ou uma formação de relações sociais que, dependendo da complexidade interna, cria uma fronteira entre o exterior e o interior, respectivamente, entre "nós" e "eles". O conceito de territorialidade, por sua vez, imprime a dinâmica social sobre o território, tirando dele a fixidez, colocando-o em movimento com seus agentes territoriais.

O espaço como categoria de orientação e sentido

Com as contradições causadas pela globalização e a relativização associada das categorias de orientação - como discutido nos conceitos de lugar, território e territorialidade - torna-se necessário procurar um conceito mais abrangente de espaço. Tal conceito deve ter particularmente em conta os aspectos subjetivos que contribuem para a sua constituição.

A questão da constituição do espaço parte das considerações anteriores de que o espaço rural, por exemplo, se reduz em parte à sua função económica, em parte à sua posição geográfica. A suspeita é que essa redução tem a ver com a incapacidade dos atores, sua

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

subjetividade e seu desejo de apropriar-se do espaço e moldá-lo de forma diferente. Uma vez que a globalização afeta não só a estruturação dos espaços, mas também a sua base conceptual, o que confere uma longa validade estruturante, os padrões explicativos económicos e geográficos são relativizados.

Perguntamos se os conceitos funcionalistas do espaço e os conceitos topológicos e geopolíticos fornecem uma base teórica adequada para a análise dos fenómenos socioespaciais. Talvez seja lógico desenvolver um conceito de espaço centrado nas relações sociais. Pois a ênfase nas propriedades puramente físicas, geométricas ou mesmo geopolíticas do espaço leva a uma alienação das estruturas espaciais, de modo que o espaço se torna algo externo, envolvendo o contexto social. O espaço então se torna um mero estágio ou "ambiente" da ação humana.

Embora a investigação específica do espaço apareça entre as obras clássicas da sociologia de forma apenas indireta⁷, o tema é discutido indiretamente em algumas abordagens. Vou referir-me a alguns ensaios que deram contribuições importantes para o estabelecimento da discussão sociológica de hoje. Procuo, a seguir, organizar em três períodos históricos a evolução da compreensão do espaço.

O espaço como realidade física, como espaço absoluto

As limitações e conclusões errôneas na determinação de espaços como campo e cidade residem na redução do conceito à sua realidade física. Isto pode estar relacionado com a influência da física clássica na nossa compreensão do espaço.

Com sua abordagem indutiva (por meio de experimento, classificação, generalização), os cientistas viam o mundo como um objeto de aquisição de conhecimento e como um objeto de domínio das leis físicas estabelecidas. A distinção cartesiana entre mente (*res cogitans*) e matéria (*res extensa*) tem influenciado profundamente o pensamento ocidental (CAPRA, 1992). Através da racionalidade, as pessoas tornaram-se capazes de dismantelar o mundo, de o atomizar, de o unificar, de o racionalizar e de explicar, para pavimentar o caminho para a tecnologia e exploração económica com uma unificação, redução e explicação. Até o século XVI era vigente a metáfora orgânica do mundo,

⁷ Como no caso da análise de Weber sobre o império prussiano (WEBER, 1999) ou mesmo o clássico Sociologia do Espaço de Simmel (1903). Obras que, naquela fase da sociologia, subsumiam o espaço à dimensão geopolítica dentro da fixidez do Estado nacional e das fronteiras.

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

considerada científica e foi substituída na modernidade por uma metáfora mecânica (ibid.). A suposição básica para a visão econômica era que estas partes decompostas da natureza, juntas dão forma a um mecanismo controlável. .

A maior conquista de Isaac Newton foi unificar os diversos conhecimentos da física adquiridos na época (STURM, 2000). Ele desenvolveu a base da mecânica, que ainda manteve influência até o século XX. Como com Aristóteles, Isaac Newton concebeu o espaço como um recipiente. O seu espaço absoluto tinha uma realidade independente para além da ação humana, era originalmente infinito, imóvel e vazio e podia, portanto, ser dividido e preenchido, assumindo que o espaço existia independentemente da matéria.

Immanuel Kant retira mais consequências da tese de Newton e rejeita qualquer noção de que o espaço tem sua própria realidade. Para ele, o espaço epistemológico torna-se o princípio a priori absolutamente formal do mundo dos sentidos (LÖW, 2001). O espaço é uma concepção a priori, um princípio de ordenação necessário da razão. Para Kant, o espaço cumpre a função de organizar o percebido como com um modelo.

De acordo com Gosztonyi, a suposição de Newton de "espaço absoluto" como uma base essencial para a compreensão atual do espaço refere-se a esta herança da física clássica: “todos os fenômenos do espaço físico e do espaço são pensados como imóveis e imutáveis. Não são acessíveis através da experiência, mas sim postulados como um sistema de referência fixa. Todas as condições espaciais, mudanças e processos estão relacionados a este sistema de referência” (1976, p. 46).

Neste sentido, Henri Lefebvre (1986) observa que a nossa ideia de espaço é sempre influenciada pelos postulados metodológicos que a física e a filosofia nos transmitiram. Cada vez mais as pessoas falam de salas planas, especializadas. Falamos de espaço geográfico, sociológico, histórico, etc... Tais designações correspondem aos novos códigos para a estrutura espacial, de acordo com uma estruturação lógica do mundo (LEFEBVRE, 1991, p.32). Este seria, de acordo com Lefebvre, a consequência de uma visão neo-cartesiana da realidade, o produto de um sujeito egocêntrico e especializado (*res cogitans*), que afirma fazer de toda a realidade objeto (*res extensa*) de seu conhecimento especulativo. Através desse reducionismo, o espaço inicialmente percebido como vivido perde seu conteúdo. Somente no nível da prática social o espaço revela sua dimensão social (LEFEBVRE, 1991).

Norbert Elias também se opõe à ideia de espaço absoluto transmitida pela física. Ele critica tanto a tese de síntese a priori de Kant quanto a metafísica de Descartes de decifrar

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

o mundo a partir de um assunto de conhecimento completamente não histórico (ELIAS, 1988). Ele acredita que os métodos da física e filosofia modernas têm em mente um indivíduo ideal e autónomo, mas não a experiência cultural do ambiente, que tem sido recolhida através do processo de civilização durante séculos, que desenvolveu os vários instrumentos de coordenação. O termo "tempo" refere-se a este "ajuste em relação" de dois ou mais eventos (cronológico ou histórico) (ibid.). Mesmo que Elias não estivesse diretamente ocupado com o assunto do espaço, ainda se poderia derivar aqui - de acordo com sua compreensão do tempo - que o espaço não é uma coisa que pode ser objetivada independentemente dos indivíduos. Em vez disso, lidar com o espaço, como com o tempo, é ancorado em processos sociais. Como uma quinta dimensão, espaço e tempo são para Elias uma síntese da consciência das pessoas.

A visão de Elias sobre a medição do tempo como um potencial de síntese humana entende o tempo como uma construção social. Para ele, a percepção do tempo e do espaço pertence ao reino do mundo vivo. A instrumentalização do tempo e do espaço pela razão - utilizando princípios mecânicos de causa e efeito - impede o reconhecimento da emergência social do espaço e do tempo.

O espaço como produto de processos de classificação (Durkheim e Halbwachs)

Clifford Geertz (1973) refere-se, em referência a Durkheim, ao surgimento da cultura como um *sexto sentido* efetivo "com a ajuda de que todas as pessoas podem dar orientação às suas ações individuais e coletivas". A cultura lhe fornece um acesso muito especial à realidade. Durkheim enfatiza que a cultura formou uma estrutura para a classificação - social, cultural e material - da realidade, que se desenvolveu historicamente na diferenciação da sociedade (1994). Hoje, o que era então integrado parece estar fragmentado. Os vários esquemas para explicar e classificar a realidade reivindicavam autonomia e legitimidade, mas ao mesmo tempo eram interdependentes.

Durkheim começou por formular a constituição da realidade como social, a partir da qual ele concluiu, entre outras coisas, que a realidade espacial é representada como simbólica e, como tal, segue valorizações coletivas.

O sociólogo francês rejeita a ideia de Kant de espaço homogêneo, que serviria apenas de abstração (DURKHEIM, 1994). Portanto, o espaço deve ser concebido a partir de sua origem social, juntamente com os valores afetivos e religiosos.

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

Durkheim estava preocupado com o desenvolvimento de uma morfologia social em face de uma crescente diferenciação da sociedade. Como um edifício construído sobre bases sólidas, a sociedade repousa sobre uma estrutura simbólica cujas representações são fatos sociais concretos, isto é, poderiam ser objetivadas. Categorias elementares de pensamento como o espaço e o tempo são, segundo sua tese, de origem social.

Neste contexto, Durkheim tentou provar com seu estudo do totemismo que a formação de estruturas sociais deriva do pensamento mítico e derivava dele os conceitos centrais, como "consciência coletiva" ou coerção moral.

“Agora se pode explicar a ambiguidade que as forças religiosas mostram quando aparecem na história: como são físicas e ao mesmo tempo humanas, morais e materiais. São poderes morais, pois são construídos inteiramente a partir das impressões que esse ser moral, ou seja, coletividade, desperta naqueles outros seres morais, ou seja, indivíduos. Eles não expressam a maneira pela qual as coisas físicas tocam nossos sentidos, mas a maneira pela qual a consciência coletiva afeta a consciência individual.” (DURKHEIM, 1994, p.306)

As categorias como espaço, tempo ou substância não eram um mero instrumento para o controle da ação dos habitantes tribais examinados por Durkheim, mas *coisas* ou eventos bastante significativos. Para Durkheim eventos predominantemente religiosos, que devem derivar de uma relação intersubjetiva entre pessoas e, por exemplo, espaço. Para essa ideia, os aspectos cognitivos não eram relevantes, mas os aspectos afetivos (simpáticos, morais) da percepção espacial. No nível do afetivo pode ser transmitida a origem da classificação do pensamento (1994).

A ordem social resulta então diretamente da apropriação e divisão do espaço. Dependendo da disposição da comunidade local e da distribuição dos seus habitantes, a estrutura social pode ser reconhecida. Para Durkheim, as representações espaciais e a ordem social estão ligadas por uma relação causal: "A estrutura da sociedade forma o quadro de referência para as categorias de pensamento e sua ordem simbólica" (STURM, 2000). A sociologia preocupa-se em traçar a estrutura das representações coletivas em que se baseia toda a estrutura social até chegar à sua origem: a própria natureza.

Após Durkheim, as sociedades complexas seguiram inicialmente o mesmo relacionamento causal. As concepções originalmente coletivas do pensamento religioso determinaram o pensamento racional, fornecendo-lhe o modelo para a coordenação e hierarquização das coisas e categorias (KONAU, 1977). Com a crescente complexidade da sociedade, no entanto, os elementos afetivos ganham um caráter coercitivo e não são mais



A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

transmitidos pela tradição. Ao expandir os horizontes da socialização com os emaranhados supralocais, a ideia de espaço perde seu conteúdo original e é esvaziada socialmente (DURKHEIM, 1994; LEFEBVRE, 1986). O desenvolvimento do pensamento racional não pode mais ser controlado e segue-se que a organização das estruturas sociais não precisa mais estar sujeita a uma ordem simbólica. Estruturas como o espaço e o tempo seriam "dessocializadas" em uma sociedade complexa, ou seja, elas não são mais moldadas pela ação.

Um importante sucessor de Durkheim é Maurice Halbwachs, que derivou sua interpretação da memória como um fenômeno social do conceito de consciência coletiva de Durkheim. Halbwachs tentou superar a então controversa análise determinística das estruturas sociais de seu antecessor. A morfologia social de Durkheim seria mais coerente se a memória fosse usada como um elemento de ligação entre as diferentes áreas da sociedade, como religião, política e economia. A memória oferece noção de pertença a cada indivíduo: o coletivo é formado através de memórias compartilhadas de lugares ou eventos. Conseqüentemente, a continuidade das estruturas ou instituições sociais dependia de memórias individuais (HALBWACHS, 1985, p.31). As tradições são assim transmitidas de novo e ganham novos contornos através do tempo.

Importante aqui é como Halbwachs observa o espaço: "Portanto, não há memória coletiva que não se mova dentro dessa estrutura espacial. O espaço, porém, é uma realidade que perdura: as nossas impressões perseguem-se, nada permanece na nossa mente, e seria incompreensível que possamos recordar o passado se ele não for de fato preservado pelo meio material que nos rodeia" (Ibid. p.142).

As memórias estão ancoradas e fundidas nas edificações, como "*mnemotopos*". O espaço nos rodeia como uma sociedade silenciosa e imóvel (Ibid. p.128).

Halbwachs distingue diferentes tipos de espaços de referência. Grupos locais (Halbwachs refere-se várias vezes a comunidades agrícolas) referem-se ao seu ambiente como se fosse o seu "direito de existir", e suas relações com o espaço são quase um automatismo coletivo (Ibid. p. 136). Em contraste, a relação religiosa com o espaço pode ser supralocal. A preservação das tradições e do passado é sempre baseada em lugares

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

importantes⁸. Assim como a memória permanece viva através de gerações, assim também é a sua relação com o espaço.

Os especialistas - como advogados e tabeliães - representavam diferentes relações espaciais, atuando com conhecimento independente e memória específica. Assim, o entrelaçamento de conhecimento ou leis, bem como a expansão das relações de mercado levou à terceirização da memória para salas especializadas, como tribunais, escritórios e fábricas (Ibid. p.140). A relação entre espaço e memória em sociedades diferenciadas poderia ser mais bem observada na esfera econômica: lá o presente está em constante mudança. O espaço econômico tem uma estrutura de memória de vida muito curta devido à produção contínua e condições de mercado, preços e salários.

Em conclusão, pode-se enfatizar que os esquemas de classificação não são invenção de indivíduos isolados, mas sempre surgem socialmente. Aqui Durkheim fala de *representações*. Representações como esquemas de classificação da vida cotidiana, no entanto, estão atualmente constantemente em competição com os esquemas científicos e mais complexos já inventados: a representação do espaço e a capacidade de reconhecer as relações espaciais [são] idênticos", formula Konau (1977, p.22). Este último tinha o monopólio na modernidade sobre a realização da realidade, que anteriormente tinha sido o privilégio da religião sozinho. A partir da ciência, um conceito físico e geométrico do "espaço absoluto" é estabelecido, que é predominante nas condições capitalistas de hoje. No entanto, os espaços, especialmente através do efeito da memória, têm significados latentes que podem aparecer uma e outra vez, especialmente na área da ação cotidiana. Sobre esta tensão entre os dois níveis de interpretação e classificação da realidade - o científico e o afetivo, moral - muitos conflitos sociais foram baseados na vida cotidiana das sociedades modernas. Esta tensão agora forma o pano de fundo das batalhas por terra, o que é objeto de diversas pesquisas sobre a subjetividade e o conteúdo utópico das lutas indígenas e camponesas.

O espaço abstrato e social em Lefebvre

⁸Tal como acontece com grupos religiosos (tais como judeus e muçulmanos) que estabelecem a sua identidade em todo o mundo na "Terra Santa", grupos e indivíduos, mesmo quando estão ausentes, permanecem ligados ao lugar através da memória.

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

Entre os marxistas, Henri Lefebvre é considerado como tendo interpretado a dialética espacialmente. O “materialismo histórico geográfico de Lefebvre” concentra-se na base material da consciência social, mas - ao contrário de Marx - ele procede do campo da tensão entre a vida cotidiana e suas estruturas espaciais, que são incorporadas e instrumentalizadas no estado capitalista. De acordo com Lefebvre, a existência do capitalismo é baseada no desenvolvimento de um espaço cada vez mais instrumentalizado, socialmente mistificado que é velado na vida cotidiana na forma de ideologia e ilusão (1991, p.16ss). O capitalismo se expande através da constante homogeneização, fragmentação e hierarquização do espaço. Na urbanização, encontra-se a concretização da espacialidade capitalista na modernidade e a planificação da vida cotidiana.

Para Lefebvre, a área natural é considerada um ponto de partida. Em sua obra *La production de l'espace* (1986), Lefebvre faz uma crítica ao conceito econômico de produção de Marx, pois com seu modelo binário do modo de produção (capital - trabalho, burguesia - proletariado, lucro - salário) Marx tinha derrubado o terceiro conceito de espaço natural e natureza de seu conceito.

Se o espaço é entendido como constituído socialmente, significa que está diretamente ligado à prática social. O espaço é a concha, a premissa e o resultado da prática social. Central para o trabalho de Lefebvre é sua observação de que o espaço contém coisas sem ser uma coisa em si (1986, p.99), em que o espaço para Lefebvre nem é abstrato, nem concebido como uma forma pura. O espaço surge de um entrelaçamento de ações e relações sociais. Na prática cotidiana - em referência a Marx - para Lefebvre os objetos e espaços são particularmente transparentes através do trabalho. A prática possibilita a legibilidade do espaço. O espaço é então, nas palavras de Lefebvre, "espaço vivido" por excelência (1986, p.44), e é percebido e reproduzido na vida cotidiana.

Nele - em múltiplas sobreposições (LEFEBVRE, 1986, p.42) - a prática social se realiza em lugares e outras unidades espaciais como resultado da produção e reprodução no cotidiano.

Lefebvre finalmente observa o paradoxo de que na sociedade capitalista a prática social concebe, o único conceito prevalecente, o espaço fragmentado e funcionalizado. Lefebvre se opõe ao conceito que é moldado pela filosofia clássica e física, e conclui que este conceito não pode permitir a análise da ação social no espaço. Em vez da concepção

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

clássica de "sujeito-objeto binário" do espaço, ele defende uma compreensão unificada do espaço que engloba três níveis analiticamente (LEFEBVRE, 1986, p.43ss):

(i) O espaço social que se projeta como entrelaçamento no espaço natural, onde a prática social se projeta no espaço. O espaço refere-se à percepção sensual - isto é, com o corpo - como o ponto de partida para a constituição do espaço.

(ii) A organização (econômica, política) baseia-se nas ideias, os planos, os projetos, ou seja, na influência da tecnologia e da ideologia no espaço. Eles produzem uma constante abstração e funcionalização do espaço na prática social. Sua aparência é o espaço cientificamente concebido.

(iii) As representações de espaço, por sua vez, compreendem as memórias latentes, os sonhos e os significados das experiências passadas com o espaço. Elas englobam a dimensão simbólica, os sinais e imaginações historicamente coagulados e conteúdos revolucionários (LEFEBVRE, 1986, p.43), que podem surgir inconscientemente a qualquer momento. Isso se refere ao espaço experimentado, que para Lefebvre não tem limite, nem na natureza nem na sociedade, e se desenvolve a partir da consciência individual. De acordo com Lefebvre, o espaço de representação é experimentado e falado como uma rede ou centro afetivo. A cama, o quarto, o apartamento ou o palácio, a praça, a igreja, o cemitério: os lugares vividos se conectam com a paixão e a ação, diretamente (LEFEBVRE, 1986, p.52ss)

A representações de espaço não são produtivas, mas obras simbólicas. Elas são muitas vezes únicas, e apontam para uma direção estética que se esgota depois de um certo tempo, depois de uma sequência de expressões e ideias (Ibid. p. 53).

Perspectivas e consequências metodológicas

Apesar da parcialidade de cada uma dessas visões, pode-se derivar dessas abordagens espaço-sociológicas, diferentes manifestações espaciais, que juntas possibilitam uma investigação multi-perspectiva dos fenômenos espaciais. Porque cada constituição do espaço é determinada pelos bens sociais e pelas pessoas, por um lado, e pela ligação entre eles, por outro (LÖW, 2001). Para a pesquisa social, isso significa que o espaço em sua constituição deve ser considerado como relativo e processual.

Cada momento da constituição do espaço pode ser isolado e, ao mesmo tempo, examinado considerando suas relações (Figura 2). Uma investigação empírica qualitativa da constituição do espaço coloca esta dupla consideração em primeiro plano. A descrição dos

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

camponeses entrevistados sobre a constituição de seu assentamento, por exemplo, atesta um entrelaçamento de diferentes formas de ação em relação ao espaço, que cooperam juntos para a sua constituição: ocupação da terra, do assentamento, divisão das parcelas, regulação segundo normas e leis, design estético e as relações do assentamento com o seu entorno social. Não seria esta sequência uma interpretação possível do lema do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): “Ocupar, resistir, produzir”?

Desse modo, a visão geral fornece elementos importantes para a formação de um conceito espacial adaptado. Gostaria de destacar os seguintes aspectos da discussão dos respectivos autores e ensaios:

(i) **O substrato material-físico** (Conformação material) - Os processos espaciais ocorrem num substrato físico, mas não se esgotam nele. As qualidades físicas aqui são consideradas o resultado da ação social. Ex.: aspectos topográficos e ambientais, paisagem antropizada ou não.

(ii) **As estruturas sociais de interação e ação** (organização político -estrutural) - As atividades humanas apresentam-se como processos de classificação da realidade (Durkheim). Visam o fundamento do sentido e da ordem. O espaço resulta aqui da busca de orientação e da formação de identidade com acesso à memória (Halbwachs). Ex.: A noção de terra ancestral ou de terra para produzir (a vida).

(iii) **O sistema regulamentar institucionalizado e normativo** (constituição histórica) - Os processos de classificação sobrepõem-se e estabelecem-se através da socialização. Isto dá prioridade às formas sociais e molda o espaço. Há a emergência de instituições (Giddens), no entanto, estruturas também podem ser caracterizadas pelo efeito de atores ausentes, mas que remotamente interferem sobre o lugar. É o caso do projeto de assentamento ou da terra indígena homologada, ou o estabelecimento da agrovila, etc...

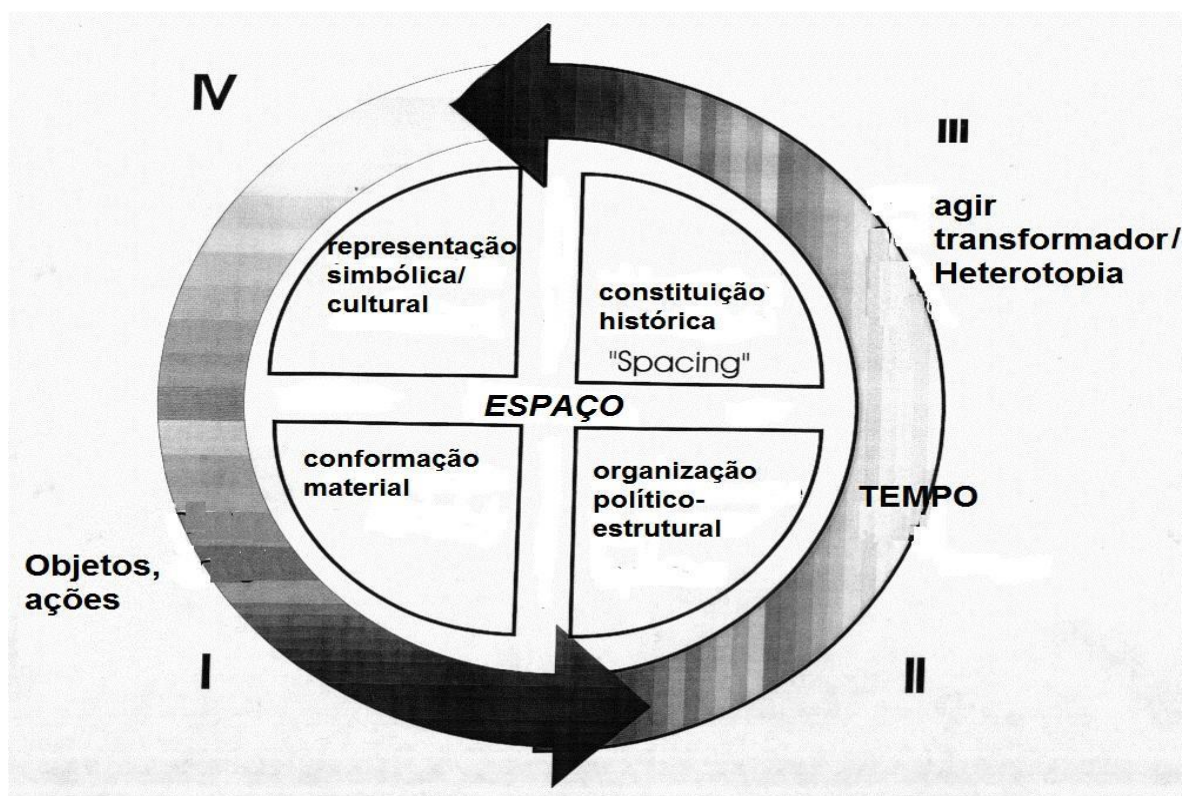
(iv) **O sistema de símbolos e representações** (representação simbólica/cultural) - Os processos sociais em relação ao espaço desdobram-se através de representações, símbolos, ideias (LEFEBVRE, DURKHEIM). As representações surgem pela constante abstração e funcionalização do espaço, mas outras permanecem como forças latentes no pano de fundo da ação cotidiana. Aqui concorrem abordagens afetivas do espaço: mãe terra, tekoha, sítio, etc...

Assim, o espaço poderia ser muito útil como matriz, por exemplo, para a interface entre identidade e espaço ou entre pensamento mítico e espaço. O segundo aspecto é que

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

Halbwachs enfatiza o caráter simbólico do espaço que envolve as pessoas como uma história cristalizada.

Figura 2 – Fases da constituição social do espaço.



Fonte: Sturm, 2000 (livre tradução do autor)

A separação dessas dimensões com aprofundamento de suas características, bem como o reconhecimento da articulação das mesmas ao longo do tempo, permitirá ao pesquisador uma compreensão dinâmica do espaço, refutando reduções do tipo funcionalista ou desenvolvimentista. Ao focar na constituição do espaço pelo agir cotidiano (já a partir do nível microestrutural), permite-se a percepção de subjetividades e de atribuição de sentido por parte dos sujeitos, indígenas ou camponeses, nos diversos momentos da constituição do espaço, questões notadamente de abordagem qualitativa, no mais amesquinçadas em análises estritamente macroestruturais onde a terra aparece como algo dado, mero palco das ações. Não raro veremos que a pesquisa sobre os espaços é, sobretudo, pesquisa sobre as identidades dos sujeitos que os constituem.

A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

Destaca-se na perspectiva metodológica o enfoque nas representações do espaço, abrangendo manifestações importantes na pesquisa de campo, por exemplo, quando indígenas vão falar de seus etno-territórios, dos *tekohas*, ou mesmo camponeses representando o lote como espaço de vida, resgatando sentidos latentes muitas vezes vinculados às suas biografias, lutas e convicções, atribuindo um caráter mais profundo à terra conquistada. Essas representações, de difícil objetivação nas pesquisas, podem deixar-se interpretar dentro de um quadro de análise processual, multidimensional como o apresentado. Temos assim possibilidades metodológicas para identificar a reflexividade (GIDDENS, 1999) desses sujeitos nas lutas por seus espaços.

Conclusões

Iniciamos nossa discussão apontando o desafio de entendermos a relação entre construção de identidades e a conquista e o desenvolvimento de territórios, como reflexo da reestruturação dos espaços através da globalização. A este respeito, discutimos o fato de que os espaços e territórios não devem mais ser vistos de forma funcionalista, mas como uma forma específica da constituição da realidade social. Espaços como rural e o urbano podem, portanto, funcionar como uma ordem de ação social.

A globalização como movimento contraditório - com tendências homogeneizadoras, por um lado, e com fragmentação, por outro - afeta particularmente essa diferenciação relativizando a relação espacial em que se baseia o binômio cidade-campo. Qualquer tentativa de basear esta diferenciação em categorias geográficas, tais como território ou localização falhará, uma vez que o potencial de determinação destas categorias se tornou instável. Resta, portanto, a questão de um conceito espacial adequado que possa ajudar a aproximar o fenômeno da "redescoberta do rural".

Tentamos usar o espaço como categoria heurística. A revisão desta categoria através da apresentação de algumas abordagens sociológicas espaciais traz elementos para a formulação de um conceito espacial relativo e processual. O espaço não é então uma categoria rígida, mas revela-se relativo e dinâmico através da ação social. Os quatro momentos de constituição espacial - físico, de ordem e ação, institucional- normativo e cultural - abrem um amplo catálogo de possibilidades analíticas de constituição espacial. Metodicamente, esses momentos de constituição espacial estão correlacionados na análise empírica.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** São Paulo: Papyrus, 2001.

BECK, Ulrich. **Reflexive Modernisierung: eine Kontroverse.** Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 5. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1992.

CASTELLS, Manuel. **Das Informationszeitalter Wirtschaft - Gesellschaft - Kultur.** Teil 2: Die Macht der Identität. Opladen: Leske + Budrich, 2002.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas.** Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Mexico: Editorial Grijalbo, 2003.

DURKHEIM, Emile. **Die Elementaren Formen des religiösen Lebens.** Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1994.

ELIAS, Norbert. **Über die Zeit.** Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1988.

FOUCAULT, Michel. **What is enlightenment?** In: RABINOW, Paul (Hg.): The Foucault reader: An introduction to Foucault's thought. London: Penguin Books, 1984.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity.** Self and society in the late modern age. Cambridge, 1991.

_____ 1999: **Konsequenzen der Moderne.** 3. Aufl., Frankfurt/M., Suhrkamp.

GOSZTONYI, Alexander. **Der Raum. Geschichte seiner Probleme in Philosophie und Wissenschaften.** Freiburg, Alber, 1976.

HABERMAS, Jürgen. **Die Moderne - ein unvollendetes Projekt. Philosophisch-politische Aufsätze 1977-1992.** 2. Aufl., Leipzig: Reclam Verlag, 1992.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste.** Niteroi: Eduff, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **Das Kollektive Gedächtnis** Frankfurt/M.: Fischer-Taschenbuch-Verlag, 1985.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change.** Oxford, Backwell Publishers. 1989.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.



A natureza do espaço: contribuições para pesquisa de territórios camponeses

- JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- KONAU, Elisabeth. **Raum und soziales Handeln**. Studien zu einer vernachlässigten Dimension soziologischer Theoriebildung. Stuttgart: Henke, 1977.
- LE BERRE, Maurice. **Territoires**. In: BAILLY, A. et al. (Hg.): Encyclopédie de Géographie. Paris: Economica.1992.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Londres: Blackwell Pub. 1991
- LÖW, Martina. **Raumsoziologie**. Frankfurt/M., Suhrkamp. 2001
- MARSCHNER, Walter Roberto. **Die Kaempfe um Mutter Erde**, 2. ed, KS OmniScriptum Publishing, 2012.
- RAFFESTIN, Claude, **Ecogénèse territoriale**. In: AURIAC, Franck und BRUNET, Roger. Espaces, jeux et enjeux. Paris: Fayard, Fondation Diderot, 1986.
- SACK, Robert D. **Place, Modernity an the consumers World**. A relational Framework for a geographikal analysis. Cambridge, Cambridge University Press.1992.
- SAUER, Sergio. **Terra e modernidade**:A dimensão do espaço na aventura da luta pela terra. (Tese de Doutorado), Brasilia: Universidade de Brasília UnB, 2000.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 9. Ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- STURM, Gabriele. **Wege zum Raum**: methodologische Annäherungen an ein Basiskonzept raumbezogener Wissenschaften. Opladen: Leske und Budrich, 2000.
- SIQUEIRA, Deis e OSÓRIO, Rafael. **O conceito de rural**. In: GIARRACA, Norma. (Org.): Una Nueva ruralidad en américa Latina? Buenos Aires, CLACSO. <http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/rural/rural.html> (Februar 2005), 2001, p.67.
- SIMMEL, Georg. Raumsoziologie. In: **Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich**, ano 27, v.1, 1903, p.27-71.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Die Sozialwissenschaft “kaputtdenken”**. Die Grenzen der Paradigmen des 19. Jahrhunderts. Weinheim: Beltz Athäneum Verlag, 1995.
- WEBER, Max. O Estado nacional e a política econômica. In: **Weber**. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo, Ática, 1999.

